

# DA GEOGRAFIA AO CORPO: ORIENTALISMO, RACISMO E SUBALTERNIDADE NA REPRESENTAÇÃO DE MULHERES MUÇULMANAS NEGRAS

*Monise MARTINEZ\**

**RESUMO:** O presente artigo tem o objetivo de promover uma reflexão sobre o delineamento das diferenças, hierarquias e assimetrias de poder associadas a discursos orientalistas, étnico-raciais e salvacionistas nos resumos das capas de quatro livros publicados no mercado editorial português após o 11 de setembro: *Aurora no deserto* (2003), *Eu, Safiya* (2005), *Livre!* (2006) e *Mutilada* (2006) — obras centradas nas narrativas de vida de mulheres árabes e/ou muçulmanas negras, apresentadas como autoras dos livros. Para cumprir esse objetivo, realizarei um breve estudo do conteúdo dos resumos dessas obras através do qual, buscando analisar e discutir as formas como as representações das protagonistas são construídas, procurarei compreender e refletir sobre quais são os lugares ocupados pelas mulheres árabes e/ou muçulmanas negras nessas narrativas de poder.

**PALAVRAS-CHAVE:** Orientalismo. Etnicidades. Raça. Mulheres árabes e negras. Mulheres muçulmanas e negras.

## Introdução

Em *Soft Weapons: Autobiography in Transit* — obra centrada em uma discussão a respeito da produção massiva de obras do gênero biográfico, autobiográfico e auto-etnográfico de mulheres não ocidentais, no contexto da retomada da Guerra ao Terror, em 2001<sup>1</sup> —, Gilliam Whitlock (2007), reflete acerca da eficiente

---

\* UC – Universidade de Coimbra. Centro de Estudos Sociais. Programa de Doutorado “Estudos Feministas”. Coimbra – Portugal. 3000-995 - martinezmonise@gmail.com.

<sup>1</sup> Em uma palestra proferida no Massachusetts Institute, Noam Chomsky promove uma reflexão sobre o 11 de setembro retomando as origens da expressão “Guerra ao Terror”, na qual sublinha que essa

disseminação de narrativas de e sobre mulheres afegãs entre os anos de 2002 e 2003 nos Estados Unidos. Neste contexto, a autora procura avaliar a relação entre os modos como as protagonistas eram apresentadas nos paratextos das obras e os incentivos midiáticos dados às campanhas norte-americanas que visavam libertar o Afeganistão do regime Talibã na época.

Em conformidade com algumas das questões suscitadas por Abu-Lughod (2002) em *Do Muslim women really need saving?* artigo escrito em um momento de grande repercussão dos debates sobre o 11 de setembro no Ocidente, as reflexões de Whitlock (2007), igualmente sublinhavam a centralidade dada às figuras femininas na consolidação dos embates entre o mundo ocidental e oriental na época. Assim, ao discorrer sobre as representações das mulheres afegãs em publicações livrescas, a autora sublinhou, tal como constatou Lughod (2002) na análise dos veículos de comunicação, que essas obras esforçavam-se por apresentar as mulheres afegãs como vítimas cristalizadas, respaldando e refletindo as posturas salvacionistas fomentadas naquele contexto.

As reflexões promovidas por Whitlock (2007) e Abu-Lughod (2002) acerca dessas representações são exemplos de análises que denotaram a relevância e o poder que tiveram as produções do segmento editorial e midiático para o fortalecimento e disseminação de discursos orientalistas relacionados às mulheres não ocidentais após o 11 de setembro, apresentando perspectivas contextualizadas àquilo que, em artigos anteriores Edward Said (2007, 2012), já havia referido: o impacto desse tipo de produção na construção e manutenção das representações negativas frequentemente associadas aos muçulmanos no Ocidente<sup>2</sup>.

Partindo desse preâmbulo, durante o mestrado me propus a desenvolver um estudo<sup>3</sup> focado nas capas<sup>4</sup> de obras publicadas no mercado editorial português que, supostamente, teriam sido escritas por mulheres e meninas provenientes de países árabes e/ou muçulmanos<sup>5</sup>. Assim, pautando-me nos estudos paratextuais desenvolvidos

---

remonta a proposta de Reagan de conter os “opositores depravados da civilização” (REAGAN *apud* CHOMSKY, 2002, p. 11).

<sup>2</sup> Os artigos *Uma catástrofe intelectual*, publicado na Al-Ahram em 1998 (SAID, 2012) e *O papel público de escritores e intelectuais*, publicado no The Nation, em 2001 (SAID, 2007), são exemplos de textos nos quais o autor refere a importância das esferas de produção midiáticas e/ou editoriais como espaços que refletem e fomentam o orientalismo.

<sup>3</sup> O estudo realizou-se no âmbito do desenvolvimento de uma dissertação de mestrado no ano de 2015, disponível em: <[https://ria.ua.pt/bitstream/10773/16155/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20mestrado\\_Monise%20Martinez.pdf](https://ria.ua.pt/bitstream/10773/16155/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20mestrado_Monise%20Martinez.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2016.

<sup>4</sup> O favorecimento da análise de capas em detrimento do conteúdo das obras deu-se por duas razões: primeiro pelo seu destacado impacto na situação de compra e, depois, pelo fato de que o contexto de escrita das obras é obscuro, não sendo possível saber em que medida correspondem, de fato, à escrita das mulheres apresentadas como autoras.

<sup>5</sup> No estudo foram considerados países árabes aqueles que integram, atualmente, a Liga dos Países Árabes, e como muçulmanos aqueles que apresentam população majoritariamente adepta ao Islã.

por Gérard Genette (2009), na *Retórica da Imagem* de Barthes (1990), em sua releitura apresentada por Martine Joly (1994) e na metodologia de análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (1977), analisei um *corpus* de 23 capas de obras publicadas entre os anos de 2001 e 2015 pela Editora ASA. Neste estudo, busquei compreender os modos como as autoras<sup>6</sup> dessas obras eram representadas e os possíveis significados dessas representações em uma geografia ampla de poderes, já que a maior parte das edições havia sido originalmente produzida em países considerados, nos termos de Boaventura S. Santos (2003), de centro.

A minha hipótese inicial foi a de que em Portugal — país semiperiférico no sistema mundial capitalista moderno (SANTOS, 2003) — as representações vinculadas a essas mulheres e meninas eram similares às dos grandes centros irradiadores de poder. Assim, reproduziriam narrativas que, como as mencionadas nos trabalhos de Whitlock (2007) e Abu-Lughod (2002), constituíam-se a partir de três grandes eixos discursivos sobrepostos: o das diferenças, o das hierarquias culturais e o do salvacionismo, sendo a mulher o próprio território em que os embates relacionados a esses três eixos convergiam.

A análise das representações desenvolvida nesse estudo estruturou-se a partir de três variáveis principais, determinadas em conformidade com a recorrência de terminados tópicos nos significantes analisados nas capas: aspectos que referiam suas nacionalidades, religião e os fatos de violência e opressão sofridos. Como esperado, notou-se que, de modo geral, as figuras das mulheres e das meninas provenientes de países árabes e/ou muçulmanas eram tomadas como ponto de partida para a manifestação de discursos que apresentavam o Oriente como um espaço ameaçador e selvagem, ilustrado pelo tipo de violência sofrida por essas mulheres e meninas, e o Ocidente como o espaço da racionalidade, no qual quase todas as protagonistas encontravam um suposto espaço de voz para evidenciar as condições a que tinham sido expostas em seus lugares de origem.

No desenvolvimento deste estudo, contudo, não houve espaço para reflexão acerca das possíveis particularidades das representações das mulheres árabes e/ou muçulmanas negras, que contabilizavam quatro das 23 obras que integraram o *corpus*: *Aurora no deserto*, de Waris Dirie e Jeanne D' Haem (2003); *Eu, Safiya*, de Safiya Tudu e Rafaella Masto (2005); *Livre!* de Feven Tekle e Rafaella Masto (2006) e *Mutilada* (2006), de Khady e Marie-Thérèse Cuny (2006)<sup>7</sup> — obras que tiveram uma média de cinco reimpressões no próprio ano de suas edições portuguesas originais ou nos anos seguintes a elas (MARTINEZ, 2015).

<sup>6</sup> Sendo a questão da autoria incerta, uma vez que as obras foram escritas junto de jornalistas ocidentais explicitamente referidos nas páginas de créditos dos livros, neste artigo empregarei as nomenclaturas **suposta(s) autora(s), protagonista(s)** ou autora(s) para referir as mulheres.

<sup>7</sup> Entre as obras referidas, apenas *Mutilada*, de Khady, foi publicada no Brasil, em 2006, pela editora Rocco.

Assim, a fim de promover uma reflexão complementar e necessária a esse estudo de base, o objetivo deste artigo será o de averiguar quais seriam essas particularidades atentando-se especificamente aos possíveis diálogos entre as descrições atribuídas aos espaços geográficos de onde provieram as supostas autoras árabes e/ou muçulmanas negras e suas próprias identidades enquanto corpos. Para tanto, tendo em consideração o destaque dado à importância dos resumos de quarta-capa das obras — tipo de narrativa elaborada pelos próprios editoriais com a finalidade de apresentá-la ao leitor consumidor (GENETTE, 2009) — partirei dos conceitos de orientalismo, raça, racismo e etnicidade para compreender o modo como se dá a construção de discursos salvacionistas centralizados na figura da mulher não ocidental e negra nos resumos dessas quatro obras, disponibilizados integralmente em ANEXOS.

## Uma questão de representação

Como refere a socióloga argentina Beatriz Sarlo (2005), em *Tiempo pasado: cultura de la memoria y giro*, a questão do passado e seu valor enquanto parte da (re) construção da identidade do indivíduo tem sido um tema de particular interesse de perspectivas investigativas distintas na área das humanidades nos últimos tempos. Seja em nível do que se pode considerar público e está associado a uma memória coletiva ou, então, através do que se pode considerar privado e está ambientado nas narrativas relacionadas às histórias de vida e do cotidiano, as produções memorialísticas e testemunhais, ocupadas em (re)constituir o passado de quem as protagoniza, passaram a ser, segundo a autora, frequentemente tomadas como (re)constituições de realidades culturais ou como verdades, tornando-se matéria complexa para discussão sobre as possíveis intangibilidades da memória e do passado (SARLO, 2005).

Nesse sentido, nas pequenas narrativas apresentadas como resumos dos livros, supostamente escritos por Waris, Safiya, Feven e Khady, as protagonistas são prontamente apresentadas como representantes de algo e/ou de alguém. Assim, enquanto Waris é “porta-voz das Nações Unidas para os direitos das mulheres em África” (ANEXO A) e Safiya “é um exemplo porque (a sua história) é igual à (*sic.*) de tantas outras mulheres africanas” (ANEXO B), o passado de Feven “desvenda corajosamente [...] a vida de milhões de imigrantes africanos na Europa” (ANEXO C) e Khady é uma “militante que luta sem descanso para salvar as crianças do horror que ela própria foi obrigada a viver” (ANEXO D).

Contudo, apesar do notável esforço em serem discursivamente apresentadas ao público como representantes no sentido de *Vertretung*, nos termos referidos por

Spivak (2010), a suposta agência atribuída a essas mulheres enquanto figuras que podem representar politicamente indivíduos coletivos transforma-se, curiosamente, em uma representação mais próxima do sentido de *Darstellung*, uma vez que, em verdade, nas narrativas presentes nos resumos, essas mulheres são convertidas em personagens de suas próprias histórias, onde atuam em conformidade com os papéis atribuídos por um narrador ocidental que determina o que e quem devem representar, tornando-se sujeitos produzidos na relação conflitual entre diferenças e hierarquias, em um espaço de geografias imaginárias de poder.

Nesse sentido, para darmos início à discussão sobre o suposto *double bind* existente entre a consolidação das hierarquias a partir das diferenças, compreendidas tal são concebidas na realidade epistemológica ocidental<sup>8</sup>, tomaremos a análise concreta dos resumos partindo do conceito de orientalismo para problematizar a configuração dos espaços de origem das protagonistas representados nessas narrativas e o delineamento de possíveis relações de poder.

## Fronteiras globais

No resumo de *Aurora no deserto*, a curta narrativa que sintetiza o percurso de Waris Dirie passa por dois cenários diferentes: uma tribo de nômades do deserto africano (DIRIE; D'HAEM, 2003), cuja localização é depois melhor especificada como sendo na Somália; e, no contraponto, um outro lugar inominado no qual Waris conquista a sua liberdade. Assim, os fatos associados ao primeiro dos espaços são os que referem os episódios de violência sofridos pela protagonista — a mutilação genital e o casamento infantil —, e os fatos associados ao segundo são os que referem a sua realização pessoal e a prosperidade ao ascender ao mundo da moda.

Da mesma maneira, os locais de origem das personagens das demais obras selecionadas para a discussão neste artigo, estão destacadamente associados aos episódios de sofrimento vivenciados por elas, sendo a “comunidade rural e pacífica” de Safiya, no norte da Nigéria, uma entre as várias existentes em um “continente cheio de contradições [...] onde a vida humana pode valer pouco ou nada” (ANEXO B); a Eritreia de Feven o palco para a tortura que a leva a fugir pelo deserto atraída “pelo sonho do Ocidente” (ANEXO C); e o lugar não referido de Khady o que a torna o próprio epíteto garantido pelo título de seu livro: *Mutilada*.

---

<sup>8</sup> Neste contexto, refiro como “realidade epistemológica ocidental” o pensamento base que, segundo Maria Irene Ramalho (2013), engendrou a estrutura hierárquica respaldada a partir de uma compreensão particular de diferença que permeia o campo dos saberes ocidentais.

Como vemos, é evidente que a menção aos espaços de origem das personagens é articulada de modo negativo no contexto dessas narrativas prontamente apresentadas ao público leitor nas capas dos livros. Assim, a discussão sobre essas representações, enquanto estereótipos, poderia partir de uma contestação dos fatos mencionados como verdades, buscando averiguar possíveis coincidências entre o que se diz e a totalidade de uma realidade. No entanto, em conformidade com o que refere Edward Said (2008) na introdução de *Orientalismo*, é a repetibilidade no modo de referir esses lugares sob o viés negativo o que revela, no espaço de uma geografia hegemônica, a qualidade daquilo que se produz discursivamente como verdade ou realidade exercendo-se, a partir disso, o poder.

O orientalismo, alicerçado por essa perspectiva, é apresentado por Said (2008), de modo sintético, a partir de três grandes definições: “um modo de lidar com o Oriente baseado no lugar especial que este ocupa na experiência da Europa Ocidental” (SAID, 2008, p. 19); “um modo de discurso que tem o apoio de instituições, tem vocabulário, erudição, imagística, uma doutrina e até mesmo as burocracias e os estilos coloniais” (SAID, 2008, p. 20) e, finalmente, “um estilo ocidental que pretende dominar, reestruturar e exercer autoridade sobre o Oriente” (SAID, 2008, p. 21), sendo causa e consequência de uma divisão ontológica e epistemológica do mundo em dois grandes espaços geográficos imaginários.

As noções de Ocidente e Oriente apresentadas pelo autor em sua obra, foram profundamente estudadas a partir das relações estabelecidas entre a Europa, os povos árabes e o Islã desde o século XIV. Contudo, a estrutura do conceito apresentado por ele torna-se cabível à realidade dos espaços referidos nos resumos das obras de Waris, Safiya, Feven e Khady se considerarmos que, como refere, o orientalismo está profundamente centrado em um processo de delimitação de fronteiras imaginárias. Fronteiras essas que, para Said (2008), são resultados imediatos de uma prática através da qual se determina o que se reconhece ou não como espaço familiar, distinguindo-se não só as entidades discursivas Nós e Outros como, conseqüentemente, delimitando hierarquicamente os lugares ocupados por cada uma delas nas narrativas das diferenças.

A delimitação desses espaços fronteiriços no contexto da representação dos locais de origem de Waris, Safiya, Feven e Khady pode ser percebida pela forma como, apesar dos esforços bussolares, os seus lugares de origem são determinados e fixados como realidades bárbaras e únicas, sendo a Somália de Waris “um mundo de violência, onde as mulheres não têm voz nem lugar” (ANEXO A), a aldeia no norte da Nigéria de Safiya um local “onde o Islão aplica a sua lei do modo mais cruel e arcaico” (ANEXO B), a Eritreia de Feven um espaço de “proliferação das multinacionais criminosas do tráfico de seres humanos que fogem desesperados da

guerra e da miséria” (ANEXO C) e o espaço não claramente especificado de Khady, o lugar da mutilação genital.

Esse processo assimétrico de construção de uma alteridade espacial consagra-se, segundo Said (2008), através dos chamados atos culturais, a partir dos quais não só a identidade do Outro é fixada, adquirindo corporeidade através da consolidação de miopias, como também, como causa e consequência desse processo, os **saberes** produzidos discursivamente promovem os efeitos de verdade, permitem o exercício de poder sobre os demais e, desse modo, fazendo com que as fronteiras de uma geografia imaginária delimitem não só os espaços globais, como também o contorno dos corpos que os habitam.

Como vemos, as estratégias empregadas na construção descritiva do espaço Ocidental e não Ocidental nos resumos das narrativas de vida de Waris, Safiya, Feven e Khady perpassaram, pelo diálogo existente entre a negatividade de experiências vivenciadas pelas personagens e pelas práticas a que foram submetidas. Nesse contexto, o suposto caráter subjetivo dessas experiências são tomados como determinantes de uma cultura, delineando, de modo ambivalente, a própria identidade das protagonistas. Assim, dando continuidade às discussões já apresentadas, aprofunda-se a análise da representação desses espaços e identidades sob o viés da questão da raça, da etnicidade e do racismo na sequência.

## Contornos do corpo

Como já referido, as narrativas projetadas nos resumos das obras de Waris, Safiya, Feven e Khady perpassam, em algum momento, por questões relacionadas às supostas tradições de suas comunidades. Essas tradições são atribuídas de modo subentendido aos países ou ao continente de origem das autoras e protagonistas, revelando que a relação estabelecida entre a geografia e a tradição está, nesses contextos discursivos, relacionada ao que Stuart Hall (2005, p. 62) define como etnia: “língua, religião, costume, tradições, sentimento de “lugar” partilhados por um povo”. Assim, a noção de unidade é submetida a uma suposta africanidade atribuída às personagens, já que à exceção de Khady, notamos que há alguma insistência em iconizar as demais protagonistas, em maior ou menor grau, como representantes da mulher africana.

Nesse sentido, os lugares de origem das personagens não são apenas representados sob o viés do orientalismo no jogo das diferenças e da atribuição de negatividades aos espaços tidos como do Outro. Ao nos debruçarmos sobre a questão dos costumes e tradições, notamos que os espaços de proveniência das protagonistas

estão, nesse caso, também relacionados a articulação das diferenças na construção do sujeito colonial a partir da forma racial e sexual, como refere Homi Bhabha em *O local da cultura* (1998), já que o conflito entre os espaços são impressos claramente no corpo feminino e negro através dos fatos da vida das protagonistas, destacados ambigualmente, como violentos e tradicionais.

Desse modo, Waris foi vítima, com apenas cinco anos, de um dos mais bárbaros costumes: a mutilação genital, apresentada como uma prática comum da cultura que a moldou, destruiu e deu as armas para que sobrevivesse. Safiya foi salva da condenação à lapidação por adultério, uma punição arcaica aplicada em sua comunidade pelo Islã através da *Sharia*, apresentada como lei islâmica universal. Feven, foi torturada na Eritreia, perseguida pela lei islâmica no Sudão e escravizada na Líbia. E Khady, viveu o pesadelo da excisão, segundo as vozes da tradição, aos sete anos de idade.

Como vemos, todas essas mulheres têm os seus corpos apresentados como um espaço de consagração de tradições pelas quais os seus lugares de origem, numa geografia de poder, são negativados. Com isso, a articulação da diferença coincide com os pressupostos que gerem o discurso das geografias imaginárias sublinhadas por Said (2008), uma vez que também apresentam o exercício de poder e de dominação como parte de um espaço teórico e de um lugar político que nega a singularidade do sujeito Outro para construí-lo, discursivamente, como parte de “uma população de tipos degenerados [...] de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução” (BHABHA, 1998, p. 111), sendo a mulher étnica o território central para determinação de hierarquias culturais através de suas paulatinas representações como:

[...] vítima de violência doméstica; vítima de abuso sexual; vítima de crimes de honra; vítima de casamentos forçados; vítima de crimes passionais; vítima da crescente indústria do sexo; vítima de trabalhos infantis; vítima de antigos rituais sádicos [...] e de mutilação genital; [...]. Vítima de ser vítima. (PIRBHAI, 2005, n.p.).

O termo étnica, empregado na conferência *Women and Ethnicity: A Self-Portrait*, proferida por Mariam Pirbhai (2005), designa, no contexto, as mulheres consideradas Outras na perspectiva de alguns ocidentais. A escolha dessa palavra, ao longo do discurso acaba por funcionar como um elemento diferenciador, já que como refere no início de sua conferência, ao mencionar os vocábulos *woman* e *ethnicity*, as representações imaginárias de um retrato que convida a sua plateia a pintar perpassam, inicialmente, pela palavra *colour*, fazendo-nos refletir sobre as possíveis funções dos corpos de Waris, Safiya, Feven e Khady no contexto

dos resumos das obras que assinam como suas narrativas de vida: as tradições, apresentadas no escopo da ideia de africanidade, não revelariam possíveis racismos imersos nessas narrativas das diferenças?

O histórico da construção ideológica a partir do termo raça remonta, conforme refere o antropólogo congolês Kabengele Munanga (2004), duas grandes matrizes principais: o mito bíblico de Noé que, do ponto de vista religioso serviu a muitas das justificativas para consentir moralmente a escravidão, e as concepções científicas do modernismo ocidental, que passaram a considerar os caracteres físicos como cruciais para determinações sobre os comportamentos dos povos, desembocando nas teorias que previram hierarquizações da humanidade a partir de classificações raciais (MUNANGA, 2004).

Sabe-se que a noção biológica ou genética atribuída ao termo raça foi claramente desconstruída na década de 1970. Entretanto, enquanto um processo inicialmente derivado e respaldado por essas classificações, o racismo é definido pelo antropólogo como uma categoria discursiva ideológica, pautada na crença ainda vigente de uma hierarquia entre raças, presente no imaginário coletivo de diversos povos e sociedades contemporâneas. Assim, como ressalta Munanga (2004, p. 29), “o racismo se reformula com base nos conceitos de etnia, diferença cultural ou identidade cultural” e mantém-se vigente através do sentimento de superioridade traduzido, muitas vezes, em discursos de caridade, proteção e salvação.

Os resumos apresentados nas capas das narrativas de Waris, Safiya, Feven e Khady não referem a questão da raça em sentido biológico. Entretanto, mostram-se bastante centrados na questão étnica, apresentando as protagonistas como membros de comunidades específicas — como no caso de Waris e Safiya — ou, então, um local inominável no qual a ideia de partilha de tradições e costumes culturais é explicitada, como no caso de Khady. Na narrativa de Feven, apesar de não encontrarmos uma referência explícita a esse aspecto, o identificamos pelo esforço em apresentá-la a partir de uma africanidade, empregada para designar o efeito de homogeneização que se pretende fazer dessa personagem enquanto uma mulher proveniente do continente africano.

De um ponto de vista comparativo, essa espécie de homogeneização que perpassa pelo viés cultural e tangencia, em alguns contextos, a questão da etnicidade, é similar ao caso das homogeneizações verificadas nas representações dos povos árabes ou, ainda, da própria comunidade muçulmana em muitas das publicações de *bestsellers* centralizados também nas narrativas de vida de mulheres.

Entretanto, apesar de Waris, Safiya, Khady e Feven terem nascido em países cuja população é majoritariamente muçulmana e, ao menos no caso das três primeiras, o seio familiar e as aldeias nas quais viveram pertencerem à comunidade

islâmica, a remissão à questão da religião é feita de maneira subjacente à ideia de africanidade, diferenciando-as, nesse sentido, do modo como as mulheres muçulmanas brancas são frequentemente, mais associadas a um diálogo com os estereótipos relacionados aos povos árabes (MARTINEZ, 2015).

## Contornos da subalternidade e da salvação

Em *Cultura e Imperialismo*, obra na qual refere o privilégio atribuído às formas culturais na experiência imperial moderna e na definição das identidades através das relações imperiais e coloniais, Said (2011) verifica a relevância que tiveram as produções literárias para a consolidação de narrativas eurocêntricas no século XIX, centradas em tratar culturas não europeias e não judaico-cristãs a partir de critérios como raça, cor, origem, temperamento e caráter que as diferenciavam entre si e os demais.

Essas narrativas, nas quais a complexa relação entre o reconhecimento das diferenças e o estabelecimento de novas hierarquias culturais pode ser verificada, também foram importantes fontes culturais para justificar e fomentar a prática imperialista durante o século XIX, sobretudo porque o chamado orientalista moderno, com um discurso recém-direcionado ao da produção de verdades científicas, acreditava-se detentor de profundos conhecimentos a respeito dos espaços não ocidentais, considerando-se “um herói que [os] resgatava do obscurantismo, da alienação e da estranheza” (SAID, 2008, p. 121). Desse modo, em um contexto de apropriação, definia-se quem tinha o direito da posse das terras, o direito de habitá-las, explorá-las, reconquistar a sua grandeza e planejar o seu futuro, sendo o poder de narrar determinante para a estruturação do sujeito central que **pode** escrever e do subordinado como objeto da escrita (SAID, 2011).

Em conformidade com parte das reflexões propostas por Said (2011) acerca dos projetos imperiais, a delimitação das hierarquias de poderes e dos consequentes salvacionismos, no ensaio *Pode o subalterno falar?* Gayatri Spivak (2010) adentra em uma reflexão a partir da qual questiona as próprias formas através das quais os sujeitos do chamado Terceiro Mundo são representados nos discursos de estudiosos do pós-colonialismo e dos feminismos ocidentais, que não raro remontaram a discursos paternalistas centralizados no embate entre a figura da mulher do primeiro mundo e a mulher do terceiro mundo (MOHANTY, 1984).

Em seu ensaio, Spivak (2010) traz à tona os principais problemas vinculados às abordagens raiz de cada uma dessas áreas, apontando a ausência da adoção da perspectiva de gênero nos estudos pós-coloniais e o fracasso ou incapacidade de

incorporar questões raciais, ou a tendência em estereotipar e generalizar em excesso a questão da mulher do Terceiro Mundo (BAHRI, 2004) nos feminismos, tema posteriormente discutido por teóricas como Ella Shohat (*apud* MALUF; COSTA, 2001), para as quais a desconstrução das narrativas salvacionistas engendradas pelos feminismos ocidentais é um dos pontos-chave para a consolidação de um movimento plural, que se proponha a romper as estruturas hierárquicas que alicerçam o pensamento imperial.

Partindo também dessa problemática, Spivak (2010) expõe a sua própria experiência enquanto investigadora durante o processo da tomada de consciência da mulher como subalterna, enfatizando que a formação ideológica masculino-imperialista faz parte da mesma formação que categoriza, de forma homogênea, a “mulher do Terceiro Mundo”, razão pela qual o silêncio desse sujeito deve ser o ponto de partida para o intelectual que se propõe a refletir sobre essa questão, pois na ausência dessa compreensão, a produção dos discursos que **falam por** imerge em uma problemática em conformidade com os discursos coloniais, bem-definida pela máxima: “homens brancos estão salvando mulheres de pele escura de homens de pele escura” (SPIVAK, 2010, p. 91).

Nos resumos das obras de Waris, Safiya, Feven e Khady, já discutidos sob a perspectiva do orientalismo, da etnicidade e do racismo, pode-se verificar que o problema da representação das protagonistas muçulmanas negras, embora centralizado na questão da construção da alteridade, a partir das geografias imaginárias e dos aspectos étnico-raciais imbrincados no conceito de africanidade, perpassa também os diálogos existentes entre o salvacionismo e a condição de subalternidade nos termos empregados por Spivak (2010).

Nesse sentido, a própria amálgama entre corpo e espaço na construção das identidades das personagens revela, sob dois eixos distintos, o exercício de poder que se dá através da representação dos seus lugares de origens como espaços inóspitos, de suas culturas como inferiores e, afinal, delas próprias como eternas vítimas que, ambigualmente, tanto são apresentadas como salvadoras por assumirem cargos humanitários no Ocidente como são mantidas subalternas, à medida que o suposto lugar de fala que ocupam nessas obras, reproduzem narrativas eurocêntricas e as toram ícones em um campo de batalha para conflitos diversos de poder a partir das narrativas de suas próprias vidas.

## Considerações finais

Em uma conferência pronunciada no evento TEDGlobal, ao falar do poder da literatura, Chimamanda Adichie (2009), discorre sobre o impacto e o contexto das

escolhas que permeiam a criação e valorização de histórias únicas na identidade e representação de povos considerados à margem:

É impossível falar sobre a história única sem falar do poder. [...]. O poder é a capacidade de contar a história de outra pessoa, tornando-a na história definitiva dessa pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve: “Se quiseres desapropriar um povo, a forma mais simples de o fazer é contar a sua história, começando por “Em segundo lugar”. Começa a história pelas setas dos americanos nativos, e não pela chegada dos britânicos, e terá uma história completamente diferente. Começa a história pelo fracasso do estado africano e não pela criação colonial do estado africano, e terá uma história totalmente diferente. (ADICHIE, 2009, n.p.).

Essas histórias únicas, articuladas em meio às essencializações, mostram-se, como vimos, evidentes nos resumos das obras de Waris, Safya, Feven e Khady, uma vez que as identidades dessas mulheres são apresentadas como as únicas possíveis em seus contextos, oscilando entre serem referidas como símbolos de todas e para todas exercendo, assim, o protagonismo em uma narrativa do poder hegemônico ocidental, em que suas histórias são expostas no contraponto com o poder de civilização e cultura associados ao Ocidente.

A subalternidade das personagens dá-se, então, pela própria ausência de representatividade que adquirem na composição dos discursos fomentados nos resumos apresentados nas capas de suas obras, nos quais os diálogos entre as práticas orientalistas, racistas e a patriarcalistas engendram-se no iminente paradoxo da (des)valorização das identidades fragmentadas que podem constituir um sujeito selecionando, em uma imanência de discursos, o intercrucamento mais favorável entre eles para o manutenção de uma determinada estrutura na qual o corpo de Waris, Safiya, Feven e Khady delineiam as geografias de poder.

***FROM GEOGRAPHY TO THE BODY: ORIENTALISM,  
RACISM, AND SUBALTERNITY IN THE  
REPRESENTATION OF BLACK MUSLIM WOMEN***

***ABSTRACT:*** *This paper aims to promote a reflection on the delineation of differences, hierarchies, and power asymmetries associated with orientalist, ethnic-racial, and salvationist speeches in the back-cover text of four books published in the Portuguese publishing market after 9/11: Aurora no deserto (2003), Eu, Safiya*

(2005), *Livre!* (2006), and *Mutilada* (2006), which are centered on the life narratives of black Arab and/or Muslim women presented as the book's authors. In order to do so, it presents a brief study of the contents of the summaries as they relate to the protagonists, discusses how such representations are constructed and attempts to understand the position occupied by black Arab and/or Muslim women in these power narratives.

**KEYWORDS:** *Orientalism. Ethnicities. Race. Black Arab women. Black Muslim women.*

## REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, L. Do muslim women really need saving?: Anthropological reflections on cultural relativism and its others. **American Anthropologist**, v. 104, n° 3, p. 783-790, set. 2002. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/3567256?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/3567256?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 25 abr. 2016.

ADICHIE, C. N. O perigo da história única. In: **TEDGlobal**, 2009. Oxford, jul. 2009. Disponível em: <[http://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt](http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt)>. Acesso em: 25 abr. 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAHRI, D. Feminismo e/no pós-colonialismo. **Revista de Estudos Feministas**, v. 21, n° 2, 2004, p. 659-688. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2013000200018&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2013000200018&script=sci_arttext)>. Acesso em: 25 abr. 2016.

BARTHES, R. A Retórica da Imagem. In: **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Edições UFMG, 1998.

CHOMSKY, N. A nova guerra contra o terror. **Estudos Avançados**, v.16, n°44, 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9846>>. Acesso em 12 nov. 2016.

DIRIE, W.; D'HAEM, J. **Aurora no deserto**. Porto: Edições ASA, 2003.

GENETTE, G. **Paratextos Editoriais**. São Paulo, Brasil: Ateliê Editorial, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural da Pós-Modernidade**. 10ª edição. Rio de Janeiro, Brasil: D&P Editora, 2005.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Edições 70, 1994.

KHADY; CUNY, M. **Mutilada**: a denúncia de uma bárbara realidade perpetuada em nome da tradição. Porto: Edições ASA, 2006.

MALUF, S.W; COSTA, C.L. Feminismo Fora do Centro: Entrevista com Ella Shohat. **Revista de Estudos Feministas**, v. 9, nº1, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2001000100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000100008)>. Acesso em 12 nov. 2016.

MARTINEZ, M. **Entre edições e impressões**: orientalismo, subalternidade e assimetrias de poder. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos Editoriais.) — Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, Aveiro, dezembro de 2015. Disponível em: <[https://ria.ua.pt/bitstream/10773/16155/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20mestrado\\_Monise%20Martinez.pdf](https://ria.ua.pt/bitstream/10773/16155/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20mestrado_Monise%20Martinez.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2016.

MOHANTY, C. T. Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses, **Boundary 2: On Humanism at university: The Discourse of Humanism**, 1984, p. 333-358.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, A (Org.). **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói, Brasil: EdUFF, 2004.

PIRBHAI, M. Women and Ethnicity: A Self-Portrait. In: **Women's Forum: Women and Ethnicity**, 2 mar. 2005, Canadá. Disponível em: <<https://www.vaniercollege.qc.ca/tlc/diversity/women-ethnicity.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

RAMALHO, M. I. Difference and Hierarchy Revisited by Feminism. **Anglo Saxonica**, v. III nº 6, 2013, p. 21-45. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/23795>>. Acesso em 12 nov. 2016.

SAID, E. **Cultura e imperialismo**. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Orientalismo**. Barcelona, Espanha: Debolsillo, 2008.

\_\_\_\_\_. O papel público de escritores e intelectuais. In: \_\_\_\_\_. **Humanismo e crítica democrática**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. Uma catástrofe intelectual. In: SADER, E (Org.). **Cultura e Política**. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2012.

SANTOS, B. S. Entre o próspero e o Caliban. Colonialismo, Pós-colonialismo e interidentidade. **Novos Estudos CEBRAP**, 66, jul. 2003.

SARLO, B. **Tiempo pasado**: cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión. Buenos Aires, Argentina: Siglo XXI Editores, 2005.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte, Brasil: Edições UFMG, 2010.

TEKLE, F. A.; MASTO, R. **Livre!:** A odisseia de uma mulher em fuga. Porto: Edições ASA, 2006.

TUDU, S. H.; MASTO, R. **Eu, Safiya**: a história de uma mulher nigeriana que sensibilizou o mundo. Porto: Edições ASA, 2005.

WHITLOCK, G. **Soft Weapons**: Autobiography in Transit. Chicago, Estados Unidos: The University Chicago Press, 2007.

## **Anexo A – Resumo publicado na quarta-capa da obra *Aurora no Deserto*, de Waris Dirie**

*Top model*, porta-voz das Nações Unidas para os direitos das mulheres em África e, acima de tudo, um ser humano de notável coragem e sensibilidade, Waris Dirie nasceu numa tribo de nómadas do deserto africano, mais propriamente na Somália. Em *Flor do Deserto* (publicado por Edições ASA nesta mesma colecção), Waris contou a sua história: com apenas cinco anos, foi vítima de um dos mais bárbaros costumes, a mutilação genital; quando, já com doze anos, o pai tentou negociar o seu casamento com um desconhecido de sessenta, decidiu desaparecer. Os perigos da sua fuga pelo deserto viriam a ser largamente compensados pela conquista da liberdade que, passadas as dificuldades iniciais, lhe abriu as portas do mundo da moda e da defesa dos direitos humanos, área em que a sua voz é uma inestimável fonte de esperança.

Embora Waris Dirie tenha abandonado a sua terra natal, nunca esqueceu o país e a cultura que a moldaram; um mundo de fome e violência, onde as mulheres não têm voz nem lugar - o mesmo mundo que quase a destruiu e lhe deu também as armas para sobreviver. Neste livro, ela vai até ao âmago da sua coragem e volta à Somália. *Aurora no Deserto* é o relato desse regresso e a inabalável confirmação do quanto se pode amar um país sem que todavia se aceitem todas as suas regras e tradições.

## **Anexo B – Resumo publicado na quarta-capa da obra *Eu, Safiya*, de Safiya H. T. Tudú**

*Ela foi condenada por adultério. Uma campanha internacional de solidariedade salvou-a de ser enterrada até ao pescoço e apedrejada até à morte. A sua imagem tornou-se um símbolo de esperança.*

Safiya vive numa aldeia do Norte da Nigéria, onde o Islão aplica a sua lei do modo mais cruel e arcaico. Segundo a sharia, a lei islâmica, as mulheres que têm filhos fora do casamento são condenadas à lapidação: enterradas até ao pescoço e apedrejadas até à morte. Safiya é uma delas. A sua história rapidamente se espalhou pela Internet, enchendo jornais e levando governos e organizações internacionais a pressionar a Nigéria para salvar a sua vida, mesmo no último instante. *Eu, Safiya* é antes de mais um relato pessoal, onde uma mulher africana conta a “sua” história, não a história de alguém que se tornou um símbolo para o mundo, mas a de uma mulher que viveu sempre numa pequena comunidade rural e pacífica. A história de Safiya é um exemplo porque é igual à de tantas outras mulheres africanas. Mulheres que vivem num continente cheio de contradições e onde a vida humana pode valer pouco mais que nada.

## **Anexo C – Resumo da obra *Livre! De Feven Abreha Tekle***

Barcos pesqueiros decrepitos, velhos navios mercantis ou simples barcos de borracha. Todos os dias chegam às costas da Europa Ocidental embarcações cheias de africanos atraídos pelo sonho do Ocidente. Estes barcos estão carregados de histórias dramáticas, de aspirações tão fortes que levam os seus ocupantes a arriscar a vida em viagens longas, perigosas e muitas vezes fatais. Esta é uma dessas histórias: Feven é uma jovem eritreia que foge do seu país e atravessa o Mediterrâneo numa viagem clandestina com destino a Itália. A sua odisseia dura dois anos, período durante o qual é torturada às mãos de militares, em Assab, e obrigada a fugir pelo deserto; é perseguida pela lei islâmica, no Sudão, escravizada na Líbia, e quase morre de a fome a bordo de uma “carroça marítima” à deriva durante cinco dias no Mediterrâneo. Como pano de fundo, o regime cruel e repressivo em vigor na Eritreia e a proliferação das multinacionais criminosas do tráfico de seres humanos que fogem desesperados da guerra e da miséria. A história de Feven desvenda corajosamente uma verdade oculta: a vida de milhões de imigrantes africanos na Europa. Um relato comovente sobre a coragem e a força do ser humano.

## **Anexo D – Resumo da obra *Mutilada*, de Khady**

*A denúncia de uma bárbara realidade cometida em nome da tradição. Todos os anos 2 milhões de raparigas são excisadas. 130 milhões de mulheres foram já submetidas a estas mutilações em todo o mundo.*

Segundo as vozes da tradição, a excisão aumenta a fecundidade das mulheres, garante a pureza e virgindade de uma jovem bem como a fidelidade de uma esposa... Na realidade, esta mutilação bárbara põe em perigo a vida das jovens raparigas que a ela são submetidas, priva-as do prazer e destrói para sempre as suas vidas enquanto mulheres.

O testemunho de Khady é o de uma criança que, aos sete anos, viveu este pesadelo e que, uma vez mulher, tomou consciência da barbárie desta prática. É o percurso de uma sobrevivente que denuncia, com uma coragem extraordinária, aquilo que teve de suportar, uma militante que luta sem descanso para salvar as crianças do horror que ela própria foi obrigada a viver.

Recebido em 03/08/2016.

Aprovado em 19/11/2016.

